

Cajás! Não é que lembra à Laura um dia
(Que dia claro! esplende o mato e cheira!)
chamar-me para em sua companhia
saboreá-los sob a cajazeira!
“Vamos sós?” – perguntei-lhe. E a feiteiceira:
“Então! tens medo de ir comigo?” E ria.
Compõe as tranças, salta-me ligeira
ao braço, o braço no meu braço enfia.
– “Uma carreira!” – “Uma carreira!” – “Aposto!”
A um sinal breve dado de partida,
corremos. Zunc o vento em nosso rosto.
Mas eu me deixo atrás ficar, correndo,
pois mais vale que a aposta da corrida
ver-lhe as saias voar, como vou vendo.
Alberto de Oliveira 1873-1940, Cajás, em
Grandes Sonetos da Nossa Língua; José Lino Grünewald 1988

Apresentar-te aos deuses e deixar-te
entre sombra de pedra e golpe de asa.
Exaltar-te perder-te desconfiar-te
seguir-te de helicóptero até casa
dizer-te que te amo amo amo
que por ti passo raias e fronteiras
que não me chamo Mário que me chamo
uma coisa que tens nas algeibeiras
lançar a bomba onde vens no retrato
de dez anos de anjinho nacional
e nove de colégio, terceiro ato
pôr-te na posição sexual.
Tirar-te todo o bem e todo o mal.
Esquecer-me de ti como do gato.
Mário Cesariny de Vasconcelos, Outra Coisa, em
Grandes Sonetos da Nossa Língua; José Lino Grünewald 1988

Las piernas de la amada son fraternas
cuando se abren buscando el infinito
y apelan al futuro como un rito
que las hace más dulces y más tiernas
pero también las piernas son cavernas
donde el eco se funde con el grito
y cumplen con el viejo requisito
de buscar el amparo de otras piernas
si se separan como bienvenida
las piernas de la amada hacen historia
mantienen sus ofensas y enseguida
enlazan algún cuerpo en su memoria
cuando trazan los signos de la vida
las piernas de la amada son la gloria.
Mario Benedetti, Piernas: de La Vida Esse Paréntesis,
1999; Editorial Planeta Argentina, Buenos Aires.

SELEÇÕES EM FOLHA
mfmenendez@ig.com.br

Ano 8, Nº 04 – 2004, ABRIL
Assinatura até Dezembro de 2004: 8 selos postais de R\$ 0,50
ou informe seu E-Mail para remessa.

Si quieren que de este mundo
lleve una memoria grata,
llevaré, padre profundo,
tu cabellera de plata.
Si quieren, por gran favor,
que lleve más, llevaré
la copia que hizo el pintor
de la hermana que adoré.
José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos VI e IX (introducción)
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Si quieren que a la otra vida
me lleve todo un tesoro,
¡llevo la trenza escondida
que guardo en mi caja de oro!
Quiero, a la sombra de un ala,
contar este cuento en flor:
la niña de Guatemala,
la que se murió de amor.

Dos rojas lenguas de fuego
a un mismo tronco enlazadas
se aproximan, y al besarse
forman una sola llama.
Dos notas que del laúd
a un tiempo la mano arranca,
y en el espacio se encuentran
y armoniosas se abrazan.

Dos olas que vienen juntas
a morir sobre una playa
y que al romper se coronan
con un penacho de plata.
Dos jirones de vapor
que del lago se levantan,
y al juntarse allá en el cielo
forman una nube blanca.

Dos ideas que al par brotan,
dos besos que a un tiempo estallan,
dos ecos que se confunden,
eso son nuestras dos almas. XXIV
Si al mecer las azules campanillas
de tu balcón
crees que suspirando pasa el viento
murmurador,

sabe que oculto entre las verdes hojas
suspiro yo.
Si al resonar confuso a tus espaldas
vago rumor,
crees que por tu nombre te ha llamado
lejana voz,
sabe que entre las sombras que te cercan
te llamo yo.

Si se turba medroso en la alta noche
tu corazón,
al sentir en tus labios un aliento
abrasador,
sabe que, aunque invisible, al lado tuyo
respiro yo. XVI

Gustavo Adolfo Bécquer 1836-1870, de Rimas y Leyendas (Otras Rimas), Edición de Enrique Rull Fernandez – Plaza & Janés Editores, S. A., Bilbao, 2ª edición 1985.

Tenho medo de saci
e de assombração também,
mas pior, eu nunca vi:
é um tal de Malamelem!
Que bom se a justiça um dia,
com seus braços de igualdade,
pondo fim a tirania,
abraçasse a humanidade!
Filho, a montanha da vida
escala devagarinho,
que há muita flor escondida
entre as pedras do caminho!
A menina está nos trilhos,
a cultura a enriquecer:
noivo deixa a mulher, filhos...
Como essa moça cresceu!
Tu dizes que eu sou da farrá...
Puro engano, minha amiga:
eu canto como a cigarrá;
trabalho como a formigá!
Minha sogra é muito forte,
nela, dengue é apenas mito:
ao ser picada de morte,
quem morreu foi o mosquito!

A. Lacerda Júnior, em
Fanal 0403
Angélica Villela Santos, em
O Pitiguari 0402
Carolina Ramos, em
Trovalegre 0403
Manoel F. Menendez
Nelson Fachinelli
P. de Petrus, em
Sem Limites 0402

Plantação de soja
pardais descansam nos braços
do amigo espantoso.
Entre o nevoeiro
escondendo-se do sol
cochila o pinheiro.
Quase crepúsculo.
Nas ruas, distante, o grito:
– Amendoim torrado!
Furando a neblina,
trem histórico nos trilhos.
Maria Fumaça!
Jornal do bairro
“Pescaria no Rio Tietê”
Primeiro de abril!
Entre sonhos... cri-cris
pula um grilo no meu quarto
noite chuvosa.
Nuvens carregadas
com relâmpagos em flash
retratam a chuva.

Clínio Jorge de Souza
Dolores Pires
Douglas Eden Brotto
Fanny Dupré
Hazel de S. Francisco
Mária T. da Luz
Sérgio M. Serra

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicaí, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) OUTONO

No tenro abacate o tom do verde-amarelo mergulha no açúcar. Alba Christina	Ao sabor do vento, tais serpentina nos ramos, bailam tamarindos. Elen de Novais Felix	Criança pulando, viu a pamonha no prato, só pode ser dela. Mária App. Picanço Goulart
Cantos aflautados, nas ramagens azuladas. Pomar de sanhaços! Amália Marie G. Bornheim	Rasantes no ar dos louros, selvagem vôo... – Prazer de zorrar. Fernando L. A. Soares	Na folhagem verde abacate camuflado... Custo a descobrir! Mária Madalena Ferreira
Rosto exprimindo um nem chorando nem rindo sumo tamarindo. Amauri Amaral Campos	Vibrante algazarra, na frutifera assalada... Bando de sanhaços. Fernando Vasconcelos	Chapéu de abas largas sombria o rosto da jovem, colhendo algodão. Mária Regina Labruciano
Fios de prata escorrem. Orvalho molhando a terra. Rosas encarnadas. Analice Feitoza de Lima	Árvores em festa felicitam a companheira. Dia do Café. Francisela Silva	Termina o jantar é servido um bom café. Brindemos seu Dia! Nádyr Leme Ganzert
Domingo de Páscoa Meninos soltam foguetes e malham o Judas. Angélica Villela Santos	Na feira livre, agricultor incansável, vende abacates. Helvécio Durso	O louro se assusta, bate as asas, vai ao chão. É a Vai-Vai passando! Olga Amorim
Romãs já maduras... pássaros experimentando... Biquinhos curtos... Anita Thomaz Follmann	Flutua o robalo, entre as verdes alcaparras e em meu apetite!... Hermoclydes S. Franco	Robalo em cardume... jovem pescador vibrando com o grande presente. Olíria Alvarenga
Sem fila de espera, todos serão atendidos. Dia da Saúde. Cecy Tummará Ullúa	Pomar carregado, Com tanta fruta sobrando, sanhaço não canta. Humberto Del Maestro	Espiga de milho, ralada bem devagar. Pamonha gostosa! Regina Céia de Andrade
O médico ausente a fila cresce no posto Dia da Saúde... Darly O. Barros	Estirando o dedo garotinho pede o pé, periquito nega. João Batista Serra	Garoto faminto cavocando um abacate: o verde maduro. Renata Paccola
Antes da alvorada, só a neblina na praça e os pombos no poste. Diego Brito Sousa	Na estrada vazia, velha árvore-do-viajante acolhe andarinhãs. Leonilda Hilgenberg Justus	A grama cortada e o jantar para fazer. Dia da Sogra. Sérgio Francisco Pichorim
Rapazes conscientes, fazendo uma boa ação. Dia do Escoteiro. Djalda Winter Santos	O sol despontando. De verde, branco e amarelo o algodoeiro. Manoel F. Menendez	Loja de animais. Pequena loja exhibe codornas esquiladas. Walma da Costa Barros

SELEÇÕES MENSASIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.04.04, quigos à escolha:
Árvore sem folha, Cacheol, Jardim seco.
Remeter até 30.05.04, quigos à escolha:
Broto de trigo, Dia do Folclore, Vento cortante.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só treinando*.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicuis, (veja quigos acima, à escolha) em uma única folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicuis desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), além de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicuis de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicuis cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL ° – TREVOS PERSONAGEM *

Possuo um tucano. °
Seu bico é de um barco de borco.
Não sabe beijar... °
Agostinho José de Souza

Abro o meu livro. °
De tão velho e tão usado,
folhas amareladas.
Helvécio Durso

O maior amigo °
da velhinha solitária:
louro falador.
Djalda Winter Santos

Propaganda enjoada °
o dia inteiro no bairro:
– Pamonha quentina!
Humberto Del Maestro

HAICUS EM FOLHA

No meio da noite gotas de sereno surfam nas ondas das folhas... Darly O. Barros	Na rosa encarnada cristalina transparência, gotas de sereno. Anita Thomaz Follmann	Ao nascer do sol, sereno da madrugada brilha sobre a relva. Mária Regina Labruciano
Xale perolado envolve a flor entreaberta. Gotas de sereno. Darly O. Barros	Com mãos calorosas, o sol enlaxo o sereno dos olhos da noite... Elen de Novais Felix	O padre ajoelhado diante do velho sentado. Dia do Lava-pés. Manoel F. Menendez
Em bandos ruidosos algazarra colorida as jandaiais brincam. Amauri Amaral Campos	Canto da jandaia cercando a carnaubeira... bando em revoadas. Alba Christina	Jandaiais grasnando disputam festivamente, galhos da palmeira. Analice Feitoza de Lima
A noite destila o sereno gota a gota. Viceja a campina Walma da Costa Barros	Igreja repleta... No Dia do Lava-pés, presença da fé! Elen de Novais Felix	No meio da mata, assembléia de jandaiais. Aves tagarelas. Cecília Amaral Cardoso
Pousada na pétala refletindo a manhã. Gota de sereno Amauri Amaral Campos	O verde rebrihla. Gotículas de sereno refletem o sol. Roberto Resende Vilela	Leve rufar de asas... Sofre a jandaia abatida, arfando no chão! Amália Marie G. Bornheim
Igreja lotada. No Dia de Lava-pés, bispo imita Cristo. Roberto Resende Vilela	Nu céu cor de anil um barulho inesperado – bando de jandaiais. Mária Regina Labruciano	No jardim as flores todas rejuvenescidas. Banho de sereno. Manoel F. Menendez
Pelos carnaubais, a algazarra das jandaiais afasta o silêncio. Roberto Resende Vilela	Conversa fiada entre comadres falantes. Jandaiais nos fios. Darly O. Barros	Cantando ao luar, as jandaiais, jubilosas, recitam poesias. Ailson Cardoso de Oliveira
Vem chegando o dia. Sobre as pétalas das rosas gotas de sereno. Walma da Costa Barros	Resplandece o sol: gotas brilhantes nas folhas. Sereno da noite. Cecília Amaral Cardoso	O rei de joelhos lava os pés dos seus súditos humildes, iguais. Amauri Amaral Campos
Penumbra na Igreja – no Dia do Lava-pés devotos contritos. Mária Regina Labruciano	Respiende o sereno nas verdes folhas do inhamé... Beijos do luar! Humberto Del Maestro	A jandaia voa no céu azul do Nordeste entre calor e seca. João Batista Serra
Anoitece. As casas envoltas pelo sereno parecem diáfanos... Djalda Winter Santos	Limpendo o sereno do pára-brisa do carro. O final do baile. Sérgio Francisco Pichorim	Movimentação. É Dia do Lava-pés. Festejos na igreja. Analice Feitoza de Lima

O branco e o vermelho,
mais o cachimbo da paz
no Dia do Índio.
Anita Thomaz Follmann

Braçadas de flores. °
Ofendida ao céu no outono
da paineira rosa.
Darly O. Barros

– Cala a boca, louro! °
não foi assim que falei...
Que ave impertinente.
Edel Costa

Pação da botica, °
sabor agradece e odor...
– Será mexericá?
Fernando L. A. Soares

Dia da Mentira: °
tudo vai bem, obrigado.
Primeiro de abril!
João Batista Serra

O meu nos dedos °
mexericou quem de nós
chupou todas frutas!...
Luis Koshitiro Tokutake

No alto do Xingu,
vivent às margens da glória.
É Dia do Índio!
Renata Paccola

Quando eu te encontrar, °
nosso amor será verdade,
no meio da estrada.
Abby Bertsch

No amanhã de luz °
caminho a ser abrigado,
saúdo e rezando.
Allegra Bickham

No nascente, o sol;
no ar, aves tagarelas.
Mais um novo dia.
Amber Blevins

Repetida ofensa °
punhal de amor às suas costas,
pelo amor implora.
Chris Boulton

Vida em meio a morte, °
emergindo das mortórias
tranquiliza o amor.
Jeana Bodart

Em serena paz, °
côncio de pureza íntima,
dôu ouvido a nada.
Mária Bloom

Segue a correnteza, *
desperta a cidade atrás.
Barqueiro e alvorada.
Toni Bezdek

O Zé nasceu em Palmital. Seus pais eram pobres, seus avós morreram na miséria. Todos eram analfabetos e rudes, sem ideais ou vocação.

O Zé nasceu em Palmital, lugarejo plantado no interior do interior. Seus vizinhos eram todos pobres, miseráveis, na maioria absoluta. Funcionava uma escolinha na região, mas poucos podiam ou queriam frequentá-la, e a própria pro-

fessora lia e escrevia com dificuldade.

O Zé nasceu em Palmital, onde uns poucos eram ricos e senhores das terras e de tudo, tendo o resto como escravos.

O Zé nasceu em Palmital, lá cresceu, trabalhando duro, sem jamais sair da região. Casou-se e continuou pensando como um desgraçado. Constituiu família. Gente pobre, ig-

norante e sofredora. Outras gerações de analfabetos.

O Zé nasceu em Palmital e está enterrado no pequeno cemitério da localidade, num túmulo sem qualquer inscrição. Nem mesmo uma cruz de madeira. O vigário, que aparece de vez em quando, continua iracundo e ameaçador, sacudindo o inferno às almas sofredoras dos mo-

adores, que vivem apavorados com as pragas do rotundo cura, que se hospeda nas melhores fazendas.

O Zé nasceu em Palmital e, como pecador que era, foi condenado aos infernos. O curioso é que se o demônio, que ele achou muito simpático, não dissesse a verdade, o Zé continuaria crente que tinha ido para o céu.

R E T R A T A N D O

Francisco estava desempregado. Há quase um ano não encontrava uma vaga. Já havia tentado de tudo, mas, só conseguia pegar um ou outro biscate, de vez em quando. Embora tivesse provisoriamente onde morar, via a família sofrendo agruras. Era trabalhador, direito e bom pai de família. Estava a ponto de se desesperar.

Lembra-se que fora mandado para a rua, após cinco anos de firma, por uma injustiça. Alguém passou a mão no que não devia e a culpa terminou recaindo sobre ele. Arranjaram para que parecesse culpado. Aquilo tornava tudo mais difícil. Não tinha referências.

Surgiu um novo dia e ele saiu em busca de trabalho. Qualquer que fosse o serviço, pegaria. Deram-lhe um quintal para limpar. Era

grande e estava muito sujo. Se esforçou ao máximo. Levou a empreitada em dois dias. Na hora de receber, o proprietário disse que só pagaria metade do combinado, porque ele tinha conseguido fazer o serviço em apenas dois dias. Achou ruim, com toda razão. Reclamou e começou a se enervar. Telefonaram para a polícia e ele foi parar na cadeia. Ficou sem qualquer pagamento e ameaçado.

Foi solto, no dia seguinte, mas havia apanhado bastante dos policiais. Em casa, achou os filhos com fome. Sentiu vontade de botar fogo no mundo. À tarde, não arranjara coisa alguma. Pediu esmola e gozaram da cara dele, pois, era moço e forte. Devia trabalhar, em vez de pedir.

Assaltou um armazém e levou comida para casa. Não conseguia ganhar, tomava. Tornou-se assaltante. Tentava trabalhar, mas, nada conseguia. Não podia deixar a família morrer de fome. Uma madrugada, quando se “defendia” num depósito de supermercado, foi surpreendido pelo guarda, que o tomou, com certo tiro. Morte instantânea. Colocaram uma arma em sua mão e atribuíram a ele, que nem armado estava, mil outras façanhas. Os filhos de Francisco hoje são mendigos, meninos de rua, e a sociedade nem fica vermelha.

Fernando Vasconcelos, de Eu Conto, 2003 – Para contatos com o autor: Rua São Josafat 389, CEP 84053-310 – Ponta Grossa, PR

P L A N E J A M E N T O

Logo depois que Valdo foi morar na casa de cômodos da Rua da Pailata, a arrendatária, senhora Niroma, recebeu mandado de despejo: havia sido comprado o casarão para ser derrubado, e para que se construísse, no lugar dele, moderno edifício, no qual haveria somente salas destinadas a escritórios.

Em vista disso, resolveu a senhora Niroma ir embora, e deixar que os inquilinos aproveitassem o resto de tempo que ainda tinham para ali morar.

Valdo não se conformou com isso, e decidiu assumir a chefia do negócio. Chamou os inquilinos todos e disse-lhes:

– Agora o senhorio sou eu: os senhores pagarão a mim os aluguéis. Vou aumentar o preço, e quem quiser sair não faça cerimônia.

Foram embora ruidosos, de modo que Valdo fez publicar, no Jornal da Parvônia, um pequeno anúncio que rezava assim:

“Alugam-se quartos independentes a rapazes solteiros. Absoluta liberdade. Ver e tratar na Rua da Pailata, 157, primeiro andar.”

Ora, o número da casa de cômodos não era 157, e esse número pertencia a antigo armazém, que se conservava fechado havia muito tempo. (Também ia ser demolido para dar lugar a edifício moderno.)

Por que, então, teria Valdo escolhido aquele número? Para evitar complicações. Como havia mandado de despejo, temia ele que algum abelhudo visse o anúncio, e fosse acelerar um processo que normalmente é lento. Com número falso, o abelhudo nada poderia fazer.

– Mas então (dirá o leitor), o anúncio não adiantou nada, porque se alguém fosse procurar o 157, encontraria um velho prédio abandonado.

Ora, se o leitor pensou nisso, é claro que Valdo também pensou (aliás, ele pensava em tudo), e na porta do velho armazém pregou um pedaço de cartolina em que estava escrito pela mão dele o seguinte: *dirija-se ao número 227*. (Este, sim, era o número certo da casa de cômodos.)

Quando lá chegava um candidato, Valdo explicava:

– Já recebi ordem de despejo. Podemos ficar aqui mais um ano, como podemos ficar mais apenas um mês. Se lhe convier assim, o senhor pagará dois meses de aluguel adiantadamente.

Caso saíamos no mês que vem, não devolverei dinheiro nenhum. Mas se demorarmos algum tempo, o senhor pagará os aluguéis normalmente.

– E quanto à liberdade que o senhor anuncia? (pergunta o candidato).

– É absoluta (confirmava o nosso herói). Só peço aos meus inquilinos que não façam barulho, e que respeitem o sono dos outros moradores. No mais podem todos fazer o que lhes aprouver. É livre a entrada de mulheres, de qualquer tipo e categoria, desde que sejam discretas.

Noventa por cento dos candidatos aceitavam o conchavo, e, portanto, só dez por cento dos que se apresentavam iam embora sem fechar negócio.

Naquele tempo (já lá vão quase trinta anos), eram poucos os hotéis que recebiam casais para encontros amorosos; e os que recebiam eram “visitados” freqüentemente pela Polícia (que de vez em quando fechava um). Por causa disso, os homens (solteiros ou casados) que gostavam de aventuras galantes ficavam satisfeitos quando encontravam quarto cujo proprietário lhes concedesse liberdade nesse particular: poderiam levar para o quarto alugado as mulheres que eles conquistassem.

Pela maneira como Valdo procedeu neste caso da casa de cômodos, podemos concluir facilmente que ele tinha muitas idéias e poucos escrúpulos. Provou ele isto várias vezes, depois que saiu da sua cidade natal (a pequenina Balduino) para tentar a vida na imensa Turdazir.

No começo, não: assim que chegou, meteu-se em negócios estranhos, e sobretudo ilícitos, que o levaram à cadeia por três meses, e além disso era homossexual. Quando foi libertado, resolveu mudar de vida: “De agora em diante (afirmou), só farei coisas que me rendam bom dinheiro e que não me ponham em perigo.”

Decidiu, realmente, *começar vida nova*: deixou de ser homossexual, trocou de nome, e arranjou documentos que lhe deram nova personalidade. Para essa mudança de personalidade, obteve um impresso de certidão de idade, e preencheu-o de acordo com o que desejava, isto é: Valdo Ilulicau, filho de Cinaro Ilulicau e Dánara Ilulicau, nascido em 1925, em Balduino, Província de Nicobar.

Difícil foi arranjar esse impresso com os claros por preencher. Daí em diante, não houve empec-

lhos, porque ninguém desconfiou de que aquele papel fosse falso. E uma vez de posse da carteira de identidade, não havia ninguém que pudesse dizer que ele *não* era Valdo Ilulicau.

Voltemos, porém, ao número 227 da Rua da Pailata. Como restassem dois quartos desocupados, Valdo datilografou alguns cartões os seguintes dizeres: “Quartos para encontros: Rua da Pailata, 227, das oito horas da noite às duas da manhã.” Estes cartões ele os entregou aos garçons do *Bar Caravela*, que estava situado perto do cais do porto, e era freqüentado por marinheiros de várias nacionalidades, e também (é claro) por meretrizes. Não se fizeram esperar os resultados: interessados nas gorjetas que Valdo prometeu dar (e que realmente deu), os garçons distribuíram os cartões, e as mulheres se aproveitaram da circunstância de que a Rua da Pailata era, também, muito próxima do cais do porto.

Valdo ainda encontrou nova distração nos quartos que alugava para encontros: abriu pequenos orifícios nas paredes divisórias, e divertia-se com ver os pares que se entregavam aos prazeres da cama. É dele o seguinte comentário: “Muitos dos sujeitos não fazem nada: tiram a roupa, deitam-se na cama, e ficam ali uns quinze minutos, a descansar. Levantam-se, vestem a roupa, dão o dinheiro da mulher e vão embora. As mulheres, nesses casos, nem se despem: ficam só na expectativa. Outros indivíduos pedem às mulheres que os masturbem, ou eles próprios se masturbam olhando para elas. Só muito poucos chegam realmente a copular.”

– Mas aquilo tudo, que era divertido e rendoso, não podia durar muito. Já vimos que havia *ordem de despejo*, de modo que ninguém alimentava ilusões quanto à *expulsão*.

Decidiu Valdo, portanto, arranjar outro meio de vida; jurou que iria trabalhar no Banco da Parvônia, que era, na época, o banco emissor, além de ser o mais poderoso da Parvônia, e de realizar, também, operações comerciais.

Riram dele, os que ouviram aquilo: “No Banco da Parvônia? (diziam todos, entre gargalhadas). Não sejas *parvo!* Só entra lá para trabalhar quem se submeter a concurso e for aprovado. Sem isso, nada feito. Pensa noutra coisa.”

Diógenes Magalhães, de A Vida Tal Como É..., 4ª Edição, 1999 – Edições Coisa Nossa, Rio de Janeiro, RJ

Terra santa onde nascemos onde plantamos, onde comemos houve um tempo, em que você era... era mais firme, havia mais terra havia mais verde, havia mais flores e as pessoas, não pensavam em guerra ninguém era fera, era mais limpa esta esfera eu quero o amor ao pisar esse chão onde plantamos o trigo e colhemos o pão...

Carlos Augusto, Terra Santa carlosaugusto@netpoint.com.br

Meu amor você não sabe mas teu nome brota em meu peito mudo chove na cidade e eu fico contente apesar de tudo princesinha de olhos castos mãos entrelaçadas coração impuro chove na cidade e o teu nome brota em meu peito mudo.

Franklin Goldgrub, Violão de Musgo azulgrana@uol.com.br

Dario, filho de Xerxes costumava dizer: esse é o x do problema.

Franklin Goldgrub, Noel Raso azulgrana@uol.com.br

Seios metafóricos coxas metonímicas cio da letra?

Franklin Goldgrub, Perséfone Revisitada; azulgrana@uol.com.br

Não sou dona do meu olfato, sentido que aterroriza, ameniza, vaporiza lembranças, harmoniza o presente. Minhas narinas, sempre atentas, não me pertencem. São escravas de um mundo por vezes cruel, por vezes amigo. Corpos exalam odores determinantes de suas angústias, seus prazeres. O cheiro de sexo depois de uma boa transa, o cheiro azedo saindo pelos poros depois de uma noite de embriaguez, o cheiro do mar grudado na pele, cheiro de maresia, o cheiro de um banho que refaz o dia. Meu filho dorme.

Corpo jovem, cabeça em dia, enfim. Será? Entro no quarto apurando o faro à procura de pistas. Sou a própria fêmea usando meus sentidos para proteger a cria. Respiro aliviada. Nada sinto. Entranhado na pele, só aquele cheiro gostoso de lençóis amaranhados depois de uma boa noite de sono. Fecho a porta e saio de mansinho ao encontro de outros odores que irão determinar o meu dia.

Márcia Lana, Faro, Olfato, Fato marcialana@openlink.com.br